

## IDOSOS E A AUTOMEDICAÇÃO: QUAIS OS IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19?

Maria Yasmin Albuquerque Alves<sup>1</sup>  
Maria Luiza Freitas de Sousa<sup>2</sup>  
Lívia Soares de França Silva<sup>3</sup>  
Virna da Silva Moreira<sup>4</sup>  
Denise Cristina Ferreira<sup>5</sup>

### INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2020), os casos de pneumonias virais começaram a surgir no final do ano de 2019, todos ligados a pessoas que frequentaram o Mercado Atacadista de Frutos do Mar de Hunan em Wuhan, capital de Hubei, na China, em 31 de dezembro de 2019. Após a notificação do primeiro caso da doença, houve uma rápida propagação por todo o mundo, que com estudo descobriram ser um novo patógeno, o SARS-CoV-2. O novo vírus, causador da COVID-19, foi confirmado em circulação no Brasil em 9 de janeiro de 2020, pela própria OMS e no final do mês, foi declarado uma pandemia. Ademais, os mais impactados com o vírus, sofrem com várias questões sociais, econômicas, políticas, culturais. Conforme a Fundação Oswaldo Cruz (2020), a estimativa de infectados e mortos contribui diretamente com o impacto sobre os sistemas de saúde, com a exposição de populações e grupos vulneráveis, a amparo econômico do sistema financeiro e da sociedade, a saúde mental das pessoas em tempos de isolamento e receio pelo risco de morte, acesso a recursos essenciais como alimentação, medicamentos, transporte, entre outros. Tendo em vista os mais afetados, podemos citar os idosos, isso porquê, para Romero et al. o perfil de saúde da população idosa brasileira

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Farmácia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, [maria.yasmin@estudante.ufcg.edu.br](mailto:maria.yasmin@estudante.ufcg.edu.br);

<sup>2</sup>Graduanda do Curso de Farmácia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, [luiza.freitas@estudante.ufcg.edu.br](mailto:luiza.freitas@estudante.ufcg.edu.br);

<sup>3</sup>Graduanda do Curso de Farmácia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, [soareslivia12@gmail.com](mailto:soareslivia12@gmail.com);

<sup>4</sup>Graduanda do Curso de Farmácia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, [virnamoreiraips123@hotmail.com](mailto:virnamoreiraips123@hotmail.com);

<sup>5</sup> Dra. Em Ciências Sociais e professora do Centro de Saúde e Educação da Universidade Federal de Campina Grande –UFCG, [denise.cristina@professor.ufcg.edu.br](mailto:denise.cristina@professor.ufcg.edu.br)

é um fator de alto risco para a COVID-19, já que a idade produz mudanças no organismo e a prevalência de doenças crônicas não transmissível é alta. Ademais, o autor também menciona o sofrimento do idoso ao aderir às medidas de distanciamento social total, enfrentando internamente sentimentos de solidão, ansiedade e tristeza. Além disso, de acordo com as definições da OMS (2000), a automedicação é a seleção e uso de medicamentos por pessoas para tratar doenças autodiagnosticadas ou sintomas, oferecendo mais riscos à população idosa. Desse modo, com a manutenção da pandemia, Júnior e Gonzalez (2021) citam que o número de pessoas que fazem um autodiagnóstico e conseqüentemente a automedicação, vêm aumentando de forma absurda, agravado na população idosa por fatores supracitados relacionados a idade avançada desse grupo. Além disso, Melo et al. (2020) também afirmam que um outro intensificador para essa automedicação no cenário atual, é a propagação excessiva de notícias sem fontes seguras e verdadeiras. Um exemplo disso, foram as demasiadas divulgações do “tratamento precoce” e do “Kit-Covid”, que incluíam medicamentos como ivermectina, cloroquina e hidroxocloroquina. Com esses incentivos, a procura por tais remédios alavancou de forma absurda. No qual, somente no caso da ivermectina, o fármaco teve um crescimento de aproximadamente 829% no ano de 2020, mesmo sem as necessárias evidências científicas e efetividade clínica desse tratamento. Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo contextualizar a automedicação da população idosa, antes e após o surgimento da pandemia da COVID-19, e, como isso impactou na saúde desta geração, especialmente, pelas conseqüências que esta prática resulta.

## **METODOLOGIA**

O presente artigo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo. Para o desenvolvimento deste artigo buscamos analisar fontes de publicações nacionais e internacionais com temas relacionados aos riscos da automedicação em idosos no contexto da pandemia. Tendo em vista a análise de uma literatura especializada incluindo revistas e artigos científicos. Através do portal da biblioteca virtual de saúde (BVS), que possui sites como: Scielo, Lilacs, Medline. Além desses consultamos a plataforma da Pubmed e o portal do periódico da CAPES, tendo em vista a análise de artigos no Infarma e entre outros, usando os descritores idoso, COVID – 19, automedicação, saúde, levando em consideração os últimos cinco anos, no que diz

respeito, a temática da automedicação e do último ano no que concerne ao uso de medicamentos para a intervenção dos efeitos do SARS-Cov-2

O universo da pesquisa foi composto inicialmente por 100 artigos científicos. A partir da compilação e análise dos temas foram escolhidos para contribuir com este trabalho apenas dez artigos. Através da leitura dos resumos dos artigos pudemos perceber os mais importantes para o debate em questão e, por isso, todos os artigos analisados demonstraram preocupação com os efeitos da automedicação em idosos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa revisão bibliográfica foram utilizados os artigos a seguir, analisados em ordem cronológica e seguindo o cenário da automedicação antes e após o início da pandemia, demonstrando assim, como isso afetou a população idosa.

Segundo Silva e Fontoura (2014) as alterações fisiológicas e físicas que os idosos apresentam, trazem por consequência um aumento da sensibilidade aos efeitos adversos e terapêuticos dos fármacos. Foi observado, que na população idosa as reações adversas dos medicamentos são de 4 a 7 vezes maiores do que em jovens e adultos, porque neles há uma dificuldade da eliminação de metabólitos, que por consequência, traz acumulação de fármacos no organismo. Além disso, o risco de ocorrência de interações medicamentosas aumenta nessa idade. Ocorrendo, principalmente, quando há uso inadequado, devido a problemas visuais, auditivos e de memória, por isso, as possibilidades de acontecer com os idosos são maiores.

Monteiro, Azevedo e Belford (2014) analisaram a automedicação em idosos de um programa de saúde da família, entre os meses de agosto e novembro de 2013. Nisso, identificaram que os medicamentos mais citados foram os analgésicos e os anti-inflamatórios, com prevalência de 46,15% e 22,31%, respectivamente. Esses fármacos vão ao encontro dos sintomas mais declarados na pesquisa, que são dor (65,26%), e febre (16,84%). Além disso, de acordo com a pesquisa, os motivos que levam os idosos a automedicação são o conhecimento e uso prévio do medicamento com 39,24%, a falta de tempo para buscar profissionais e serviços de saúde com 20,25% indicações de conhecidos com 16,46%. Apesar disso, 8,96% deles relataram problemas relacionados ao uso do medicamento, mas sem procura de assistência médica. Os autores ainda concluem que, mesmo fazendo uso de medicações prescritas os idosos ainda praticam a

automedicação, e isso está bastante relacionado com a baixa conscientização acerca dos riscos que essa prática apresenta, além disso, há uma dificuldade, para eles, de acesso aos serviços de saúde, principalmente, pela condição física precária que muitos têm para a locomoção até uma unidade básica de saúde, por isso, preferem mitigar os desconfortos fazendo o uso de medicamentos não prescritos.

Arrais et al. (2016) analisaram a prevalência e os fatores associados a automedicação no Brasil, através dos dados da Pesquisa Nacional de Acesso, Utilização e Promoção do Uso Racional de medicamentos (PNAUM), coletados entre setembro de 2013 e fevereiro de 2014. No qual, foi constatado que pessoas com mais de 60 anos tem uma taxa de automedicação de 14,4%. Dentre os medicamentos utilizados para esse fim, está em segundo nível os do grupo terapêutico, sendo eles: analgésicos, relaxantes musculares, anti-inflamatórios ou antirreumáticos. Visto que, esses fármacos são medicamentos de fácil aquisição, por serem medicamentos isentos de prescrição.

Garcia et al. (2018) avaliaram a Automedicação e a adesão ao tratamento medicamentoso dos participantes do programa Universidade do Envelhecer, no período de abril a dezembro de 2017. No estudo foram utilizados dois métodos de avaliação que diferem entre si nos questionários, tempo de avaliação e critérios de automedicação. Por isso, atentando-se a consonância dos critérios de medicação, cabe destacar os resultados da escala MGL. Na qual, 78,8% dos idosos foram considerados não aderentes ao tratamento de uso contínuo proposto pela equipe de saúde. Entretanto; 22,9% dos idosos declararam terem feito de automedicação nos sete dias anteriores ao estudo, mesmo que 94,5% a considerem perigosa para a sua saúde. Esses dados realçam que a utilização de medicamentos sem prescrição é feita de uso irracional, já que o grupo buscou a automedicação mesmo tendo a disponibilidade da equipe médica e sabendo dos riscos que essa prática traz.

Silva et al. (2019), ao analisarem os acessos e as implicações da automedicação em idosos na atenção primária à saúde do Rio Grande do Norte, no período de janeiro a março de 2016. Identificaram que 47% dos entrevistados relataram estado de saúde regular. Entretanto, utilizavam medicamentos não-prescritos, como os analgésicos e antitérmicos, para as queixas de febre (45%) e cefaleia (7,2%). Desse modo, de acordo com os autores, essa diferença se dá por causa da indisponibilidade dos idosos em frequentar os postos de saúde, frente a possibilidade de fácil aquisição dessas medicações.

Assim, durante a pandemia os idosos, que em sua maioria já possuíam pelo menos uma doença crônica não transmissível, relataram sentir piora no estado de saúde, sendo estabelecido por Romero et al. (2021) como uma influência do estado emocional abalado dos indivíduos. Esse sentimento de piora juntamente com o aumento da incidência do vírus no Brasil colaborou com a maior necessidade de buscar prevenção e tratamentos para a COVID-19, mesmo sem o conhecimento adequado das eficácias e seguranças. Aumentando assim, a automedicação e a classe de fármacos utilizados para este fim. Desse modo, os medicamentos mais usados foram a ivermectina, a cloroquina, a hidroxocloquina e a dexametasona.

Como discutido nos artigos analisados, os três primeiros medicamentos após vários testes demonstraram não possuir eficácia, além de não serem seguros para ingestão preventiva ou terapêutica do SARS-Cov-2, por seus efeitos colaterais potencialmente fatais em pessoas que possuem fatores de risco. Ademais, o próprio coronavírus já é um fator de risco, pelo seu teor inflamatório, causando ainda mais problemas aos infectados. Dessa forma, o único medicamento mencionado anteriormente que demonstrou eficácia terapêutica quando usado adequadamente no período correto da infecção, foi a dexametasona.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da automedicação em seu contexto geral já proporciona inúmeros resultados prejudiciais, juntando isso ao organismo e fatores de risco dos idosos, a combinação tende a ser desastrosa. Após o surgimento do SARS-Cov-2 a ingestão de medicamentos por conta própria foi ainda mais relativizada, visando prevenir e tratar a doença, mesmo não existindo certezas sobre a eficácia e segurança dos fármacos. Sobre isso, sugere-se o aumento do índice da automedicação por idosos, pois, foi relatado uma desestabilização do estado de saúde deles durante a pandemia, o que pode ter provocado a maior procura pelos medicamentos recomendados como milagrosos.

Em suma, cabe destacar a necessidade de mais pesquisas acerca da saúde emocional e física dos idosos durante a pandemia. Para que se possa iniciar medidas para a prevenção de possíveis problemas acarretados pelo uso de fármacos irracionalmente durante a pandemia da COVID-19.

**Palavras-chave:** Automedicação, Coronavírus, Geriatria, Idosos, Medicamentos.

ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado *et al.* Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. **Revista de Saúde Pública** [online]. 2016, v. 50, n. 2. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1518-8787.2016050006117>>. Acesso em: 03 de julho de 2021.

FERREIRA, Leonardo L. G.; Andricopulo, Adriano D. Medicamentos e tratamentos para a Covid-19. **Estudos Avançados** [online]. 2020, v. 34, n. 100. p. 7-27. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.002>>. Acesso em: 13 de julho de 2021.

FILHO, Paulo Sérgio da Paz Silva *et al.* The risks of self-medication in the elderly affected by coronaviruses and other respiratory syndromes. **Research, Society and Development**. v. 9, n. 7. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4211>>. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

GARCIA, Antonio Leonardo de Freitas *et al.* Self-medication and adherence to drug treatment: assessment of participants of the Universidade do Envelhecer (the University of Aging) program. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia** [online]. 2018, v. 21, n. 06, p. 691-700. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-22562018021.180106>>. Acesso em: 03 de julho de 2021.

MONTEIRO, Sally Cristina Moutinho; Azevedo, Luzimeire Santos de; Belfort, Ilka Kassandra Pereira. AUTOMEDICAÇÃO EM IDOSOS DE UM PROGRAMA SAÚDE DA FAMÍLIA, BRASIL. **Infarma - Ciências Farmacêuticas**. 2014, v. 26, n. 2, p. 90-95. Disponível em: <<http://revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=view&path%5B%5D=579>>. Acesso em: 23 de agosto de 2021.

ROMERO, Dalia Elena *et al.* Idosos no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho. **Caderno de Saúde Pública** [online]. 2021, v. 37, n. 3. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00216620>>. Acesso em: 15 de julho de 2021.

SILVA, Islany Dynara Diogenes *et al.* Acesso e implicações da automedicação em idosos na atenção primária à saúde. **J. Health NPEPS**; v. 4, n. 2, p. 132-150, jul.-dez. 2019. Disponível em: < <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1047614>>. Acesso em: 01 de julho de 2021.

SILVA, Yara Almeida; FONTOURA, Ricardo. Principais Consequências da Automedicação em Idosos. **Revista de Divulgação Científica Sena Aires**. 2014; Janeiro-Junho (1): 75-82. Disponível em: <<http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/118/70>>. Acesso em: 03 de julho de 2021.